

Imprensa e Educação

CORREIO BRAZILIENSE

Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor de Redação

São Francisco — Durante três dias, algumas centenas de jornalistas e de professores, representantes dos 127 maiores jornais dos Estados Unidos, reuniram-se nesta encantadora cidade da Califórnia, berço das Nações Unidas, para debater questões relacionadas com a crescente relação da imprensa com a educação. Esse assunto tem uma importância tão grande nos EUA que a entidade que congrega os jornais criou, há alguns anos, um programa específico denominado de "Jornais na Educação" (sigla NIE, em inglês) que hoje engloba praticamente o país inteiro nesse esforço para alcançar dois objetivos principais: tornar o jornal mais útil ao professor e ao aluno e, em retorno, ampliar o número de leitores de jornais entre os jovens, principalmente.

Cathleen Black, a presidente da Anpa e da Fundação Anpa, entidades que patrocinam esse programa de jornais na educação, fez um impressionante relato sobre como o programa vem-se desenvolvendo nos EUA nos últimos anos. Na condição de diretora, também, do *USA Today*, o jornal de maior circulação do país no momento (dois milhões de exemplares diários), a sra. Black aproveitou para fazer uma vigorosa defesa dos jornais como veículos insubstituíveis de comunicação e de utilidade para o cidadão de uma sociedade moderna e democrática. Ela disse que os jornais não devem se preocupar com as inovações tecnológicas modernas, como o computador doméstico, o fax e os múltiplos usos da televisão (vídeo etc), mas que a imprensa deve se ocupar em se adaptar a tais inovações, de modo que o usuário dessas novidades eletrônicas aprenda que o jornal é seu aliado e seu amigo na utilização dessas tecnologias, e não um veículo ultrapassado, que ignora o que o maravilhoso mundo novo está criando todos os dias.

Essa conferência sobre imprensa e educação, que reúne mais mulheres do que homens, e mais educadores e professores do que jornalistas, também traz a contribuição da experiência internacional. Os japoneses trouxeram uma delegação de cinco membros altamente representativos dos milhões de exemplares diários de seus jornais e ainda mais impressionante em termos do que a imprensa nipônica está fazendo em matéria de apoio à educação. O representante canadense

se trouxe informações importantes sobre o que são os jornais comunitários no seu país, enquanto os representantes latino-americanos, inclusive do Brasil, também deram conta do trabalho ainda incipiente mas sério que muitos jornais estão realizando para ganhar os novos leitores e, ao mesmo tempo, abrir espaço para colunas, notícias e suplementos especificamente dirigidos a professores e a estudantes dos diversos níveis de ensino.

A interação entre jornais e educação, como salta aos olhos, é questão de vital importância para um país como o Brasil. Se os EUA, Canadá, Japão e países europeus mais adiantados estão ocupados em trabalhar ativamente para integrá-los cada vez mais os jornais diários com o vasto público de estudantes ou de professores, que se dirá então do Brasil, cujos problemas de baixo índice de leitura, de analfabetismo adulto e de outras causas são ainda mais agudos do que numa sociedade economicamente avançada. O **CORREIO BRAZILIENSE** participa do encontro com o firme propósito de conhecer as técnicas e práticas mais atuais que se desenvolvem nesse terreno e aplicar mais tarde aquilo que for possível para que o nosso jornal se inscreva também no esforço, que hoje é internacional, para tornar a imprensa cada vez mais útil aos professores e estudantes e, em contrapartida, ampliar o número de nossos leitores junto a um público que é, em grande parte, o público leitor de amanhã.

Na sala de exposições da conferência, pode-se ver o grande número de entidades e de iniciativas que estão em andamento nos EUA para tornar o jornal cada vez mais útil aos estudantes e aos professores. Os projetos vão do pré-escolar ao nível universitário e são bastante descentralizados, como quase tudo neste país, com grande respeito às diferentes realidades regionais. É importante assinalar que não se trata de um programa paternalista, mas de uma iniciativa conjunta dos jornais, escolas e entidades públicas e/ou privadas das diversas comunidades. Ninguém tem prejuízo financeiro, ninguém trabalha de graça e todos têm lucro. Não se trata, portanto, de nenhum gesto de filantropia, mas de uma inteligente iniciativa que agrupa interesses convergentes da sociedade de uma forma que todos possam tirar proveito desse programa: os jornais, os estudantes e professores e a própria comunidade. Mais uma prova de que a imprensa, apesar das falhas, erros e imperfeições, tem um papel de vanguarda numa sociedade democrática.

24 MAI 1992